

Camões e os contemporâneos

Organizadores

Maria do Céu Fraga
José Cândido de Oliveira Martins
João Amadeu Carvalho da Silva
Maria Madalena Teixeira da Silva
Manuel Ferro

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos
Universidade dos Açores
Universidade Católica Portuguesa

BRAGA 2012

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEST-C/ELT/UI0150/2011 (Ref.ª COMPETE FCOMP-01-0124-FEDER-022684).

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Ficha técnica

Título: **Camões e os contemporâneos**

Organizadores: Maria do Céu Fraga • José Cândido de Oliveira Martins • João Amadeu Carvalho da Silva
Maria Madalena Teixeira da Silva • Manuel Ferro

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC)
Universidade dos Açores / DLLM
Universidade Católica Portuguesa / CEFH

Tiragem: 600 exemplares
dezembro 2012

Design da capa: Ana Amaral e Mário Fernandes

Execução gráfica: Graficamares, Lda.
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10
4720-608 Prozelo - Amares

Depósito Legal: 353162/12

ISBN: 978-989-9892-3-9



O conteúdo dos artigos e a norma ortográfica usada são da responsabilidade dos autores.

O TEMA DA “SAUDADE” EM GASPAR FRUTUOSO

José Luís Brandão da Luz

Universidade dos Açores – Centro de Estudos de Filosofia - UCP

jbluz@uac.pt

Abstract

Our purpose is to understand the work of Gaspar Frutuoso within the context of his time, calling particular attention to the elements that are likely to integrate it within the context of the Philosophy of Yearning, which various studies have attempted to present with the seal of a typically Portuguese thought. We start out, therefore, by looking at the value given to the theme by the “Portuguese Renaissance” movement as well as at the philosophical approach imprinted upon it by the work of our king D. Duarte. In a second moment, we discuss the form in which the theme is treated in the work of Frutuoso. Finally, we point to the connection that can be sighted between the conception of yearning in Frutuoso and that envisaged by the author of the *Leal Conselheiro*.

Keywords: Boethius, D. Duarte, desire, destiny, fate, Gaspar Frutuoso, Portuguese Renaissance, stoics, truth, yearning

Gaspar Frutuoso, ao atribuir ao conjunto da sua obra de cronista das ilhas atlânticas o título *Saudades da Terra*, não deixa de nos suscitar a interrogação sobre as razões que poderiam justificar semelhante opção, principalmente se atendermos que a redação da obra só teve lugar a partir dos anos oitenta do século XVI, ou seja, em pleno exercício das funções de vigário e pregador da Matriz da Ribeira Grande, cargo que desempenhou desde o seu regresso a São Miguel, em 1558, até ao seu falecimento, em 1591. Esta circunstância torna destituída de sentido uma resposta que nos remetesse para a nostalgia provocada pela distância da terra natal, sentimento que o autor certamente teria experimentado nos períodos em que esteve ausente em Salamanca e em várias cidades de Portugal. Semelhante explicação teria, por outro lado ainda, pouco sentido, se considerarmos a abrangência da obra que, não obstante submeter a um tratamento muito circunstanciado a ilha de São Miguel, inclui também a descrição das restantes ilhas dos Açores, assim como dos arquipélagos da Madeira e Canárias, para além de discutir problemas históricos relacionados com o descobrimento de Cabo Verde, Antilhas e Molucas.

Parecendo-nos improcedente o recurso a motivações psicológicas para esclarecer o assunto, propomos seguir outra linha exploratória, no seguimento de estudos anteriores, que já tinham chamado a atenção para influências que a obra de Frutuoso, designadamente a sua vertente novelística e literária, teria recebido de Bernardim Ribeiro, o poeta das *Saudades*, “que lhe criou o figurino, presente no estilo com que Frutuoso inicia o I Livro das *Saudades* e orienta certos passos da *História dos Dois Amigos*, contida no

Livro V, muito embora o travejamento da novela obedeça a moldes muito diversos” (Pavão, 1984, p. xxvii). O nosso propósito, por conseguinte, situa-se nesta linha de preocupações, ao visar compreender a obra de Frutuoso no contexto cultural do seu tempo, de modo particular, chamar a atenção para os elementos suscetíveis de a integrar na linha da Filosofia da Saudade, que vários estudos têm procurado apresentar como chancela dum pensamento tipicamente português. Deste modo, começaremos por apresentar a valorização que o tema da saudade recebeu do movimento “Renascença Portuguesa” e a abordagem filosófica que a obra do rei D. Duarte lhe conferiu, de seguida, apresentaremos a forma como o tema da saudade é tratado na obra de Frutuoso para, por fim, apontarmos a ligação que poderemos descortinar entre a conceção da saudade em Frutuoso e a que foi equacionada pelo autor do *Leal Conselheiro*.

1. A “saudade” como tema da Filosofia e da Cultura Portuguesas

O tema da saudade, no dizer de António Braz Teixeira (1991, pp. 589-590), conheceu nos anos cinquenta do século passado um “surto especulativo” de teor fenomenológico, metafísico e ontológico, que, em Portugal, foi promovido por, entre outros, Joaquim de Carvalho, Sílvio Lima, Cabral de Moncada e Delfim Santos, mas também, por Afonso Botelho e António Dias de Magalhães. Deve-se a este novo “ciclo” de estudos uma ação depuradora do ambiente de querelas e desencontros suscitado, em parte, pelas críticas de António Sérgio e António Sardinha, que abalaram a credibilidade da reflexão filosófica sobre a saudade, iniciada, há precisamente cem anos, por Teixeira de Pascoaes e Leonardo de Coimbra, no âmbito do movimento “Renascença Portuguesa” e o seu órgão de doutrinação e difusão a revista *A Águia*.¹

Para Pascoaes, a saudade apresenta-se como sendo a expressão específica do espírito Português, e foram os poetas quem melhor percebeu e deu expressão à sua natureza,

¹ O primeiro número da revista *A Águia* surgiu no Porto, a 1 de dezembro de 1910, com o intuito de conferir um rumo cultural mais português à jovem República positivista. A revista conheceu cinco séries, que se sucederam até junho de 1932. A 1.ª série, que terminou em julho de 1911, publicou 10 números de teor predominantemente literário, mas também deu cobertura a temas sociais e filosóficos, que tiveram assinatura de Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra e Raul Proença (cf. Gama, 2010, pp. 80-86). Mas é a 2.ª série, publicada entre janeiro de 1912 e outubro de 1921, que se assume como órgão oficial e propriedade da “Renascença Portuguesa”. O seu primeiro diretor, Teixeira de Pascoaes, imprime à revista uma orientação lusitanista, apostada em recuperar o que há de mais genuíno na cultura portuguesa, que é o “sentimento saudoso das Coisas, da Vida e de Deus, que anima de original e mística beleza a nossa Arte, Poesia, Literatura e Cristianismo” (Pascoaes, 1993, p. 62). Esta linha de orientação prevaleceu à do grupo de Lisboa, liderado por Raul Proença, que se propunha conferir ao movimento, inspirado pelos princípios da Geração de 70, uma maior abertura ao mundo moderno e às influências estrangeiras, designadamente, as novas concepções de progresso que o desenvolvimento das ciências propiciava (cf. Natário, 2010, pp. 135-136).

procurando delinear em tons de claro-escuro os seus contornos.² Desde o cancionero aos românticos, designadamente Garrett, que principia o seu poema *Camões*, obra que se convencionou colocar no início do romantismo em Portugal, com a sua evocação, e muitos outros depois destes, com destaque para António Nobre e Flor Bela Espanca, que encontramos a tristeza, o desalento e a saudade como motivo inspirador da correspondente produção poética. Na apreciação judiciosa de Álvaro Ribeiro, a subtileza do lirismo literário tem a virtuosidade de conferir intencionalidade rememorativa às vivências que fustigam as consciências sofredoras, emprestando-lhes “uma dimensão de reminiscência que transcende e valoriza a ingenuidade sentimental” (1975, em Botelho & Teixeira, 1986, p. 246). Assume, assim, o notável pensador portuense, o valor da poesia como forma de conhecimento, em que, por meio da manipulação da linguagem, se perscrutam regiões desconhecidas do eu, do mundo, da história.

Carolina Michaëlis de Vasconcelos, na desconstrução a que submete a ideia que a saudade seria um sentimento específico dos portugueses e desconhecido doutros povos, que nem dispunham de vocábulo que lhe fosse equivalente, evoca os lamentos de amor e de ausência presentes no alvorecer da poesia portuguesa, tomando como exemplo mais remoto a singela balada de D. Sancho I, que canta o desalento daquela coitada que vive “en gran cuidado – por meu amigo que ei alongado!” e que também se lastima por viver “en gran desejo – por meu amigo que tarda, e non vejo!”, fazendo sobressair, na sua leitura, as duas componentes principais do sentimento da saudade: o *cuidado* e o *desejo* (1966, p. 33). E recorda ainda como a saudade e o morrer de amor marcaram presença na literatura portuguesa, nomeadamente, “o meigo Livro de Bernardim Ribeiro e os livros que estilisticamente derivam dele, como a *Consolação de Israel* de Samuel Usque, e as *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso” (*Ibid.*), a que acrescenta as *Rimas* de Camões e algumas personagens de Garrett, como a Joaninha das *Viagens na Minha Terra* e as que dão corpo ao drama teatral de *Frei Luís de Sousa*. Porém, é fundamentalmente a D. Duarte e mais tarde a D. Francisco Manuel de Melo que se atribuem as mais remotas iniciativas de abordagem da saudade como objeto da reflexão filosófica.

² Segundo Teixeira de Pascoaes, a “alma lusíada” formou-se na confluência de “dois ramos étnicos distintos, diferenciados por estigmas de natureza física e moral” (1993, p. 56), a saber: o ramo ariano, dos gregos, romanos, celtas e outros, que trouxe o pendor naturalista da nossa personalidade; o ramo semita, que modelou a nossa vertente espiritual, na qual se fundam os nossos sentimentos e atitudes perante a natureza (*Ibid.*, pp. 57 e 74). As qualidades herdadas desses dois povos combinaram-se de forma harmoniosa, numa personalidade coletiva, em que as dimensões naturalista e espiritualista se equilibram no *sentimento saudoso*. A saudade aparece assim, aos olhos de Pascoaes, como a forma peculiar de não ficarmos prisioneiros dos limites da lógica esquemática do homem de ciência e de, ao mesmo tempo, nos não deixar arrastar pelas fantasias imponderáveis da nossa alma de poetas, o que nos tornaria “tão longe da realidade, como aquele sábio da verdade, que é a realidade viva ou projetada em outra esfera” (Pascoaes, 1937, c. 11, p. 174).

D. Duarte (1391-1438) adverte para a necessidade de nos não deixarmos iludir pelo uso indiferenciado de alguns vocábulos que a linguagem corrente toma como sendo equivalentes. É assim que os sentimentos que ocorrem na sequência de contrariedades e que dão pelo nome de nojo, tristeza, pesar, desprazer, aborrecimento, embora algumas vezes possam acompanhar o sentimento saudoso de alguém não têm necessariamente uma relação direta com este estado de alma, pelo que não partilham o mesmo campo semântico. Acontece mesmo, em certos casos, o contrário, quando a lembrança de algumas coisas agradáveis provoca nas pessoas sentimentos de prazer e não de tristeza. Embora a saudade possa aparecer ligada à tristeza que a contrariedade na satisfação de certos desejos ou a sua simples lembrança provocam, ou possa mesmo parecer associada ao prazer que acompanha a lembrança da concretização dum desejo, ela surge desligada deles, não sendo aceitável pensar-se que a saudade possa ser considerada como resultante desses sentimentos. A tristeza ou o prazer que acompanham a saudade ligam-se antes ao desejo que, na análise penetrante que Afonso Botelho nos deixou desta problemática em D. Duarte, está “todo ele voltado para o futuro, para o possível” (1950, em Botelho & Teixeira, 1986, p. 691), ou seja, demasiadamente suspenso da satisfação de necessidades que lembranças passadas mostram por realizar. Pelo contrário, a saudade “remete para o passado ou para o distante”. Assim acontece com os sentimentos de tristeza ou pesar que as pessoas experimentam com relação àqueles que são obrigados a ausências longas, no cumprimento de missões longe da pátria. Elas poderão mesmo “chorar e suspirar como se fosse de nojo”, no entanto, ninguém dirá que sentem nojo ou pesar por tal ausência ou partida, o que aconteceria se eles não tivessem partido, eximindo-se assim ao cumprimento da incumbência que receberam. O sentimento, neste caso, será de saudade, que D. Duarte diz ser “sentido (sentimento) que o coração filha por se achar partido da presença de alguma pessoa, ou pessoas, que muito por afeição ama, ou espera cedo de ser. E isso medês (mesmo) dos tempos e lugares em que por deleição muito folgou” (*Leal Conselheiro*, em Sérgio, s.d., p. 41).

Duas notas sobressaem no texto: a saudade está ligada à relação afetiva entre pessoas e à lembrança de tempos e lugares a que as pessoas têm afeição. Um outro aspeto, ainda, refere que a saudade é um sentimento do coração que tem origem na sensibilidade e se não deixa facilmente dominar pelos argumentos da razão. Interpretando esta passagem do *Leal Conselheiro* a que aludimos, Afonso Botelho chega à ideia de que a “saudade é, antes de tudo, solidão, apartamento de pessoas, de seres livres que se prenderam” (1950, em Botelho & Teixeira, 1986, p. 692), para concluir que o que define a essência da saudade não é a intensidade do desejo ou da tristeza dos nossos estados pessoais, mas a solidão que se sente ao afastar-se do ser amado e de tudo o que lembramos com afeto, como o tempo, os espaços e outras vivências a que nos sentimos indelevelmente ligados pelos vínculos da lembrança a que permanecemos leais.

2. A “saudade” das *Saudades da Terra*

O tema da “saudade” que nos propomos estudar em Gaspar Frutuoso (1522-1591) integra o título não só da sua obra de historiador dos arquipélagos atlânticos, *Saudades da Terra*, mas dá também nome a outra obra sua, *Saudades do Céu*, a qual ficou incompleta e apenas o ano passado foi editada. Interessa-nos particularmente destacar, nas *Saudades da Terra*, não os aspetos referentes às realidades insulares que descreve, na perspetiva do seu descobrimento, povoamento e linhagens das principais famílias. Tão pouco incidiremos a nossa atenção nas muitas informações que regista sobre a geografia das ilhas, sua organização social, atividades económicas e eventos diversos ligados ao vulcanismo e ocorrências sísmicas. Mas, pelo contrário, a nossa atenção incidirá no caráter alegórico que a obra contempla e que as *Saudades do Céu* dão continuidade.

Nos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, Frutuoso elabora um longo e amadurecido discurso alegórico centrado em duas personagens, a *Verdade* e a *Fama*, que se encontram em ambiente bucólico de densos arvoredos e correntes de águas cristalinas, conforme o modelo inspirador da *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro. É neste cenário que a Verdade vive refugiada do convívio com os homens, que a não estimam, e se dispõe a contar a história das ilhas e dos dois amigos que figuram como protagonistas do *Livro Quinto das Saudades da Terra* que, em contraste com os restantes livros, reveste a configuração de uma movimentada novela de cavalaria. A última vez que encontramos a Verdade é nas *Saudades do Céu*, um livro que foi interrompido com a morte do autor e que é integralmente alegórico. Como observa o Professor José Enes, na introdução que escreveu para a recente edição daquela obra, nos dois textos o autor visa transmitir uma mensagem sapiencial que projeta as ações humanas num quadro ideal em que se deve entender o acontecer histórico. Ou seja, preocupa-se em pensar a ação humana no que ela deve ser ou no que é possível e desejável que ela seja.

O discurso alegórico dos primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra*, que bem podem ser considerados uma introdução à obra, contém certamente elementos que permitem identificar uma conceção de homem e a sua posição na história segundo critérios de verdade, de justiça, de liberdade e de bem, mas apresenta também uma série de exigências de caráter epistemológico para que o conhecimento e a ação humanas não fiquem reféns do imediatismo das primeiras impressões e impulsos (cf. Luz, 1996). A Verdade, conforme letreiro que ostenta no peito da sua veste branca, enuncia-as, alinhando em formato triangular as três frases seguintes: “não creias quanto ouves; não digas quanto sabes; não desejes quanto vês” (Frutuoso, 1984a, p. 54). Para que as potências da alma se não desarticulem e a ação humana se não desvirtue, haverá que seguir o conselho dos filósofos, segundo o qual,

pera usar bem dos cinco sentidos, principalmente do ver, ouvir, falar e obrar, é necessário ir o entendimento escudeirando, como escudeiro diante da vista, do ouvido, da fala e da

obra, pera saber ver o que vê, ouvir o que ouve, falar o que diz, acertar o que faz; porque, ficando atrás o entendimento, fica nossa vista cega, às escuras, sem tocha, vendo o que não vê, e nosso ouvido surdo, ouvindo o que não ouve, e nossa voz falsa e enganosa, falando o que não é, e nossa obra errada, obrando o que primeiro não entende. (*Ibid.*, p. 55)

Mas o discurso alegórico de Frutuoso reveste ainda uma dimensão fundacional que o remete para o ambiente que a temática da saudade debate. Todo o travejamento que sustenta a alegoria das *Saudades da Terra* cria uma ambivalência permanente entre dois tipos de vida: um, em que a Verdade viveu por escassos momentos – “seis horas me dizem alguns, e outros uma só” (*Ibid.*, p. 3) –, gozando riqueza e alegria em casa de seu pai que habitava “em altos e sumptuosos palácios, senhor de muitas riquezas, pajens e donzelas, sendo de coisas altas e baixas bem servido, sem temor nem sobressalto de perder alguma delas” (*Ibid.*); o outro, em que foi desterrada, quando era ainda muito pequena, e onde vive desamparada, triste e enjeitada, conforme a narração que faz nos seguintes termos:

De altos montes e de alto lugar caí em baixos vales, de alegrias grandes vim em dar em dores tristes e de segura vida comecei ver morte incerta; vivendo, pois, pera ver tristezas tais e mágoas tantas, não é muito que só com minhas saudades de tanto bem perdido acabe ou comece a viver sem acabar, morrendo sempre por que esteja de continuo em roda viva a minha morte e em roda mortal esteja voltando sempre à mortal vida. (*Ibid.*, p. 4)

O contraste entre os dois mundos faz crescer a tristeza que nasce das “saudades de tanto bem perdido”, segundo o esquema que D. Duarte apresentou no *Leal Conselheiro* ao considerar que a lembrança dos tempos de felicidade faz entristecer o coração com a saudade de uma “dourada idade” (*Ibid.*, p. 58) já perdida, em troco de uma vida de muitas mortes feita.

Desenha-se, desta forma, o sentido mais profundo da saudade em Frutuoso, em que, logo desde o começo, a Verdade discorre sobre a degradação da vida humana, comparando-a com o que havia sido nas suas origens em que, segundo diz, “meu Pai de ouro de altos quilates se vestia”, tendo ao seu serviço “vasos de ouro acendrado e puro”, adornados com muita “pedraria fina”. O estilo de vida *in illo tempore* nada tinha a ver com o que na altura se vivia, o qual justifica a lamentação que a Verdade deixa registada, ao dizer à Fama: “como descí doutra terra mui alta a esta baixa, logo fiquei estranha e estrangeira em terra alheia” (*Ibid.*, p. 5), sem entender o que as pessoas dizem, nem ser por elas escutada, pois “quase de ninguém sou vista, nem ouvida, nem querida”, afirma logo de seguida. A radicalização do discurso acentua-se quando a Verdade confessa que a vida entre as pessoas se tornou insuportável, pois

não havia pessoa que com direitos olhos me olhasse; nenhum me via, nem ouvia, que não me perseguisse e, se alguém me tinha afeição, não ma mostrava; quase de todos desesti-

mada, de muitos nem vista nem querida, vivi eu alguns anos antre as gentes, onde vi tantas coisas de tristezas tão crescidas, que me faziam sentir menos as muito maiores que eu passava; e, vendo assim as alheias compassar as minhas, aprendi também a ser sempre sem ventura, que, se alguma agora me viesse, já me não faria leda. Desejaria eu acabar, por ver se acabariam comigo minhas mágoas, mas não lhe vendo cabo, me vinham elas mais a pares. (*Ibid.*, p. 6)

A situação atual é de infortúnio permanente, como se a roda da Fortuna, em vez de redonda, se tivesse tornado quadrada, no seu caso, e assim, deixando de rodar para que melhores dias viessem, se imobilizasse impiedosamente, impedindo e assim lastima que “meus males nunca foram pera bens, mas sempre fizeram firme e imóvel assento no que sempre foram e dantes eram, donde vejo eu que só herdei grande e firme estado” (*Ibid.*, p. 7). Esta representação da Fortuna como uma roda que gira incessantemente encontra-se em Boécio (480-524), no começo do livro II do *De consolatione Philosophiae*. Nesta obra, que conheceu ampla difusão e exerceu profunda influência na cultura ocidental, o autor, em resposta às lamentações pela injustiça que a condenação à morte o tinha sujeitado, escuta o argumento da Fortuna que mostra a falta de sentido das suas reclamações. Porque todos nascem completamente desprovidos de recursos, é por concessão da Fortuna que logram possuir a abundância de riquezas, o esplendor de honrarias e a força de poderes, que por direito próprio lhes não pertencem. Assim, tudo quanto anteriormente o autor possuía, bens, dignidades e poderes, não seria pertença sua nem de nenhum mortal, mas da Fortuna, que sempre tira o que dá, num movimento cíclico interminável, semelhante ao que faz a noite escura suceder ao dia luminoso, as intempéries devastadoras de inverno virem depois das estações, em que a terra se cobre de flores e de frutos, e a agitação tempestuosa das ondas alternarem com a placidez do mar. Este é um ciclo de imperturbável necessidade, em que a Fortuna, ao mesmo tempo que, diz ela, “faço girar a roda com o seu volúvel ciclo, divirto-me a passar para cima o que está em baixo e para baixo o que está em cima” (Boécio, 2011, p. 49).³ Tudo o que subiu terá depois de descer, ou seja, todos os que acumularam riquezas hão de ver-se despojados dos bens que usaram sem lhes pertencerem inteiramente. Deste modo, qualquer reclamação por estas perdas carece de sentido, pois a Fortuna apenas faz aplicar as regras que a sua própria natureza dita.

Boécio segue a inspiração estoica dum destino providencial que tudo submete à necessidade, incluindo a própria vontade livre do homem, a qual se limita a dar cumprimento às leis inscritas na sua natureza, segundo um determinismo idêntico ao do movimento dos corpos, que tendem a subir ou a descer, consoante a sua natureza é leve ou pesada (*cf.* Duhot, 1989, pp. 264-265). Combinando esta concepção com a visão

³ Devo ao Prof. Arnaldo Espírito Santo a sugestão para explorar a ligação entre os dois autores.

cristã, Boécio compreende a necessidade a que tudo está sujeito a partir da clarividência da mente divina que, quando considerada em si mesma, se denomina Providência, mas, quando se refere às coisas existentes, recebe a denominação de Fado. Assim, enquanto a Providência se refere às coisas pensadas na mente divina, o Fado refere-se apenas àquelas “coisas que a divina simplicidade dispôs para serem realizadas” (Boécio, 2011, p. 154).

A visão que Frutuoso transmite da providência de Deus não reveste a problematização especulativa dos estoicos e de Boécio, designadamente, a nível da articulação entre a presciência divina, a liberdade humana e a existência do mal, mas parece inscrever-se nesta atmosfera de pensamento em que a Providência, sob a forma de Fortuna e de Fado, tudo tem sob a sua alçada. Se bem que os “juízos de Deus” sejam para nós imperscrutáveis, tudo o que acontece na nossa vida é obra da Providência e “feito pera exemplo nosso”, diz Frutuoso no *Livro Quinto das Saudades da Terra*, em que narra a história de dois amigos da Ilha de São Miguel. Somente a morte nos libertará do destino: “ninguém, enquanto vive, se pode chamar bem-afortunado, senão quando os casos da Fortuna nele não têm poder, que é depois da morte” (Frutuoso, 1984b, p. 185). Sobressai nesta passagem, como em toda a obra de Frutuoso, uma visão pessimista da história e da vida, sempre associada ao infortúnio. Não cabe neste mundo nenhum lugar para a alegria, mas antes para a tristeza e choro de copiosas lágrimas, como Frutuoso acentua no texto incompleto *Saudades do Céu*, em que, depois de afirmar lapidariamente que “facilmente chora e despreza todo o visível o que cuida que há de morrer”, de imediato, se interroga, com intuito interpelativo, da seguinte forma:

o que se vê desterrado, cativo, e condenado a morte, (como todos somos) como se pode alegrar? Se bem atentamos que coisa há nesta vida que não seja para chorar? Tempo de chorar diz Salomão o Tempo [*sic*], e lugar tudo é para chorar: o Tempo porque, como diz São Paulo, os dias são maus, o lugar, pois é Vale de Lágrimas: se temos isso, e vive a fé em nós outros, a nenhuma parte viraremos os olhos, que não choremos. Se olhamos atrás a má vida passada bem há aí que chorar; se o presente, está caído, ou em perigo de cair, se em o porvir a morte, e adiante a conta, e mais adiante o remate da conta que há de resultar. Se olhamos arriba, um Céu, e em perigo de perdê-lo, se abaixo, um Inferno, e o risco de ir lá, se a mão esquerda adversários; se à direita, falsos contentamentos, e em tudo dores, trabalhos, e perigos da salvação da alma, e o fim de tudo isto se há de ver em breve, pois sendo assim, quem não chora? Como há homem que se ria? (Frutuoso, 2011, p. 40)

Mesmo quando, por instantes, um sentimento de alegria nos invade, logo nos sobrevém a tristeza, “que é o fim e remate que têm todos os contentamentos desta vida triste” (Frutuoso, 1984b, p. 185): uma vida que é assim marcada pelo infortúnio que destina o herói da novela que constitui o *Livro Quinto das Saudades da Terra* a ser permanentemente mortificado pelo sofrimento e pela angústia, pois, porque “estava destinado pera

passar muitas mortes não era razão, ou não permitia seu fado, que com uma só delas pusesse fim a tantas” (*Ibid.*, p. 13).

Também a Verdade padece do mesmo infortúnio e nem a morte a poderá valer para pôr termo aos seus desgostos:

por longos anos me vejo morta cada hora, sem alguma meus choros se esgotarem, nem faltarem, vim a cair na conta que uma só morte, que de mim fugia, não era poderosa pera matar tantas que cada dia viva me enterravam (...); e, pois, eu padecia tantas mortes, mal poderia uma só, que desejava, matar a multidão das muitas que eu sofria. (Frutuoso, 1984a, pp. 6-7)

A tristeza em que vive permanentemente, com tanta “firmeza e grandeza”, acrescenta, não terá fim e parece que deverá perdurar para além do termo do Universo, que há de acabar o seu curso, “mas as mágoas e saudades, que em mim vejo, não têm outro mais limitado fim que não ter termo” (*Ibid.*, p. 8). Por isso, a única consolação que lhe resta é, por paradoxal, não ter nenhuma!

A razão de uma tal tristeza é a saudade de outro tempo em que a Verdade era reconhecida nesta terra como sendo “objeto e perfeição da razão humana e lei de todas as artes” (*Ibid.*, p. 31), ao mesmo tempo que se afirmava como sendo, acrescenta no mesmo lugar, “mais forte que todas as coisas fortes” e, simultaneamente, “conservadora da companhia humana e dos contratos dela”. Mas os vícios que se instalaram na vida social trouxeram profundas alterações, forçando a mudar o seu estilo de vida: “Ninguém quer o que deve, e cada um quer o que quer” (*Ibid.*, p. 56). Por isso, o que vai contar das ilhas é uma história de vida decadente, sem autenticidade, principalmente as ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, a que Frutuoso dedica dois livros, em quatro volumes, das *Saudades da Terra*, como confessa de forma inconformada e repleta de desalento: “As novas que desejais saber destas duas pobres ilhas, em comparação do que foram, porque foram já mui ricas, não vos espanteis se as der chorando, pois pelos males e misérias, que presentes vejo, e pelas alegrias e riquezas passadas e saudades delas tantas, razão de chorar tenho” (*Ibid.*, p. 58). E, em tom enfático, exclama à sua interlocutora, a Fama, de forma interrogativa: “Quem não quereis, Senhora, que chore no Mundo a bondade e singeleza dos homens antigos, que nele foram, tão mal imitada e seguida dalguns presentes que agora vivem?” (*Ibid.*, p. 59), passando de seguida a caracterizar a situação social que se vivia, a qual era marcada pelo abuso do poder, pelo desleixo e a presunção, onde “tudo é muito gastar e pouco ter, muito falar e pouco saber, muito presumir e pouco valer”.

3. Frutuoso e a “saudade”

Frutuoso parece extremamente crítico da sociedade e da administração das ilhas, denunciando a incúria e a demissão dos seus naturais que não fizeram jus ao esforço

empreendedor que os seus antepassados puseram em desbravar a terra e torná-la produtiva. Em outro tempo, as pessoas valiam pelo que tinham, pela terra que possuíam,

agora já não valem pelo que têm, senão pelo que presumem, e não deixam de ser príncipes na persuasão os que são nus e pobres na fazenda. A qual presunção ficou em lugar das riquezas, que dantes eles tinham e tiveram seus avós e estão agora em estrangeiros; pelo que dizem que disse o Infante D. Henrique, descobridor desta ilha e das outras, que os primeiros povoadores delas roçariam e os filhos comeriam, os netos venderiam, e os bisnetos fugiriam (Frutuoso, 1984a, p. 59)

por não poderem responder pelos pesados encargos de dívidas que sobre os seus ombros tomaram. Acabaram, por isso, por alienar o que possuíam, a favor da Coroa, do donatário ou de estranhos, fazendo ruir assim a antiga harmonia social das ilhas.⁴ E esta situação “é uma das cousas de que eu mais saudade tenho e que mais choro nesta terra que outras muitas” (*Ibid.*, p. 60), pois elas tiveram lugar não por força de desastres naturais, contra os quais as nossas forças são muitas vezes impotentes, mas por desleixo ou por incúria das pessoas, que se refugiaram numa vida social artificial, em que fingem ser o que não são e possuir o que não têm, como, por exemplo, estatuto social e conhecimento:

Os que nunca vestiram arnês, nem malha, dizem que são fortes cavaleiros, e os que não aprenderam letras se prezam de letrados extremados, e isto com tanto despejo e ousadia, com meneios e com tão pouco pejo o afirmam e sustentam com palavras, que, até quem os está conhecendo, põe em dúvida se será assi o que dizem, quanto mais aos que vêm de fora e a quem os não conhece. (*Ibid.*, p. 61)

Perante uma sociedade que perdera a sua razão de viver com autenticidade, o exílio representa a saída inevitável para a Verdade. Porque toda a gente a despreza e a põe de parte, a Verdade escolhe refugiar-se em “solitário ermo” (*Ibid.*, p. 9), indo “morar antre estas sombrias e frondosas árvores e repousar sobre estas verdes e frescas ervas e encos-

⁴ Esta apreciação contrasta com descrições do cronista, designadamente, no *Livro Quarto das Saudades da Terra*, que dão conta do surto de prosperidade que as ilhas conheceram, a partir dos finais do século XV, e que se refletiu no modo como se estruturaram as relações entre as principais famílias micaelenses, com vista a aumentar e consolidar o seu poder e influência, não apenas económico, mas também social e político. A partir do reinado de D. Manuel, expandiu-se no arquipélago o sistema de administração municipalista, tendo sido elevadas diversas localidades da ilha ao estatuto de vilas. Esta constituiu uma primeira etapa da formação duma crescente e influente nobreza local que, pela apropriação de terra e fixação do seu património, deu origem ao movimento de vinculação da propriedade, com o consequente processo de nobilitação e de afirmação do seu poderio. Uma parentela influente ocupa os principais lugares da administração camarária e as chefias das companhias de ordenança que defendiam as populações dos ataques dos corsários (cf. Rodrigues, 2012a e 2012b).

tar-me a estes duros e lisos penedos, das contínuas correntes tão lavados” (*Ibid.*, p. 8). Assim poderá viver em sintonia perfeita com a natureza, embalada pelas melodias do “cantar dos passarinhos, o bradar dos melros, o gritar dos pavões, o arruído das árvores e o roncar destas ribeiras” (*Ibid.*, p. 35), longe, portanto, do bulício das “praças cheias de murmuradores e lisonjeiros” (*Ibid.*, p. 21). Recupera, deste modo, um tipo de vida sem as deformações e vícios que contaminam a vida social, mas “onde não há senão cousas governadas na obediência do Criador que as criou todas” (*Ibid.*, p. 9).

Gaspar Frutuoso terá acompanhado a profunda transformação que, entre 1520 e 1550, se operou na ilha de São Miguel, mercê da abundância da produção agrícola e do desenvolvimento da exportação de trigo e pastel, que colocaram a ilha na rota da navegação comercial de vários países da Europa, como Inglaterra, França e Flandres. Esta expansão teria sido o resultado duma política que, de forma sistemática, a partir do último quartel do século XV, procedeu ao povoamento e intensificou o arroteamento e cultura da terra, bem como a organização administrativa. Neste período embrionário da sociedade micaelense, predominantemente mobilizada na tarefa de transformar o mato em terra de cultivo, a agricultura constituía ocupação de todos, em que fidalgos e servos partilhavam juntos os mais rudes e árduos trabalhos dos campos (*cf.* Rodrigues, 1991, pp. 40-41). Quando Frutuoso vai estudar para Salamanca, por volta de 1548, o ambiente de isolamento tinha já diminuído e os contactos comerciais com o exterior tinham aberto outros horizontes à população. Também as carências na instrução e na educação religiosa tinham já sido de algum modo colmatadas, graças em grande parte ao estabelecimento dos primeiros conventos franciscanos. Simultaneamente, emergiu uma classe de prósperos proprietários que fez concentrar nas mãos de algumas famílias o poder e a influência na condução dos destinos da ilha.

Poderemos conjecturar que, ao regressar à sua ilha, após prolongada ausência em Salamanca e Portugal continental, interrompida por alguns períodos de permanência em São Miguel, Frutuoso tivesse sido tocado pelas diferenças de costumes e mentalidades das pessoas e fosse impelido a estabelecer comparações com o estilo de vida da sociedade que conheceu na sua infância e juventude. Será pois de admitir que se mostrasse particularmente sensível perante as estratégias de nobilitação e a afirmação social de certas pessoas e famílias, e as considerasse estranhas em comparação com a memória que conservava de outrora. Poderemos presumir, por isso, que o desapontamento que manifesta pela vida social do seu tempo, marcada pelo exibicionismo e ostentação de predicados que na verdade as pessoas não possuíam, não refletisse apenas a subordinação a cânones literários nem desse apenas cumprimento a uma qualquer estratégia dissimuladora para obviar qualquer indesejável supervisão inquisitorial, mas correspondesse antes ao intuito de moralizar uma “fidalguia postiça” (Frutuoso, 1984a, p. 61), dominante e dominadora, que se impunha aos demais sem sabedoria nem critérios de justiça, mas movida pelo interesse comercial e pela força ameaçadora do seu poder. A saudade que perturba o coração da Verdade nasce do reconhecimento de que a

situação atual da sociedade se apresenta completamente destituída de sentido e que a lembrança do estado de vida ausente traz de volta a “Terra”, antes da vida social a ter adulterado. As “saudades” de Frutuoso não respondem, por isso, a um sentimento de nostalgia por eventuais amores mal sucedidos, ou por lugares e ambientes da juventude já desaparecidos. Muito pelo contrário, as suas “saudades” respeitam a um pungente sentimento que se aloja no coração como reação a uma visão pessimista do homem e da sociedade e à decadência que os afeta, pela ausência dos valores da Verdade, da Justiça e do Bem. Por isso o seu estado de espírito é de completa tristeza ou de solidão pelo afastamento dum estilo de vida que é lembrado com afeto.

A história das ilhas que a Verdade se propõe contar é o reflexo deste sentimento:

eu não hei de escrever senão tristezas, pois no mundo já não há contentamentos, e os que há, ou houve, são e foram breves e mui pequenos, por grandes que eles pareçam e parecessem, depois que se vem a descobrir a mistura e liga do mal encoberto que consigo trazem e com que aguados foram. E ainda que compridas e perfeitas fossem as alegrias, como logo foram salteadas com ciladas de tristezas, ainda que mui pequenas quantas vimos, vem cada um experimentar em si, ou em seu vizinho, que nunca nesta vida triste os grandes bens se igualam com pequenos males, porque, enfim, mais magoa uma pequena mágoa do que deleita um gosto grande. (*Ibid.*, p. 9)

A decadência das ilhas reflete-se numa absurda inversão do estatuto das pessoas, conforme o autor faz dizer à sua personagem, a Verdade, de modo admonitório:

Só o fidalgo é aqui vilão antre vilãos, e só o sábio é nesta terra néscio antre néscios, sem poder achar a água que dizem que em outro tempo choveu pera emprasto e mezinha disto. Não é aqui (segundo se diz) tão bom Pedro como seu amo, mas muitas vezes melhor sem conto. E bem se parece nos vestidos, em que o nobre e poderoso, contentando-se com o honesto, se refrea, e o baixo e pobre à rédea solta corre, como desenfreada besta. E assi se ficam e ficarão nesta terra estas enfermidades [*sic*] sem remédio. (*Ibid.*, p. 62)

A estratificação social existente mostra uma preocupante subversão do ordenamento natural das coisas, com prejuízos a nível social e cultural. As pessoas adotaram uma forma de vida que deixou de condizer com o seu respetivo estatuto social, pelo que tudo parece girar ao contrário. O “nobre e poderoso” tem uma vida simples que se não distingue dos demais, sem se preocupar com as aparências, mas antes e tão-somente com a honestidade. Pelo contrário, o “baixo e pobre”, ou o que daí provém, ostenta a preocupação de parecer “melhor sem conto” do que os antigos fidalgos. O autor mostra-se particularmente sensível, nas suas descrições do ambiente social das ilhas, a um conjunto de práticas associadas ao primado da honra e da autoridade do *pater famílias*, que denotam a importância que a hierarquia social assumia e o papel regulador que os preceitos morais revestiam no delinear das estratégias de poder das famílias (*cf.* Rodrigues, 2008, vol. I, p. 299). Por isso, a mobilidade social, que desfaz a ordem estabelecida pelo

governo da divina Providência, incomoda Frutuoso, que ainda se queixa, com displicência, desses “novos-ricos”, que não reconhecem, mas antes rebaixam, os senhores e os homens sábios. A situação, porém, não é específica das ilhas, mas é igual em toda a parte, só que nesta terra tudo se torna mais grave e acontece com plena impunidade, pois “não há lugar pera onde subir; pera descer si, e este sempre o houve, porque, como a justiça da terra seja como o vinho dela, que não tem força alguma, onde não há prêmio pera bons nem castigo pera maus tudo são descidas” (Frutuoso, 1984a, p. 63).

Frutuoso sente saudades do que a terra foi em outro tempo, nas suas origens, em que a Verdade era estimada e tida em grande conta. Trata-se, pois, da saudade que quer restabelecer os alicerces duma sociedade que se desviou deles, com a preocupação de recuperar os fundamentos que a poderão reerguer e legitimar, embora consciente da falta de sucesso de tal tarefa. Por isso, o desfecho da tristeza e do desalento que as saudades fazem crescer no coração da Verdade conduz à solidão, como forma de negação ou de repúdio de toda a decadência que a vida social apresenta e que a torna estéril como um deserto, conforme diz assim:

Já esta terra não é terra, mas deserto; e quando era deserto de alguns, era verdadeiramente terra. Mas, agora, foi-se fazendo tão estéril dos bens que tinha e dos mantimentos que dantes, com grande abundância, dava, e envelheceu tão azinha, que quem se lembra dos bens, que nela houve, e tem experiência das misérias, que nela agora vê, não pode deixar de chorar com saudade daquele bom tempo passado e consumido, vendo que vão os pecados das gentes enchendo e suprimindo o lugar dos frutitos que a terra nega. (*Ibid.*)

A saudade de Frutuoso não se confunde com a tristeza dos seus estados pessoais, mas, como no rei-filósofo, ela é a solidão que se sente quando nos afastamos de tudo o que lembramos com afeto, neste caso, modelos de vida perdidos a que nos sentimos indelevelmente ligados pelos vínculos da lembrança a que permanecemos leais.

Todavia, embora os primeiros oito capítulos do *Livro Primeiro das Saudades da Terra* claramente apontem para a necessidade de procurar uma fundamentação mais remota que possa conferir à vida social uma intencionalidade que opere o restabelecimento da sua verdadeira energia, o aprofundamento desta reflexão far-se-á nas *Saudades do Céu*, livro que Frutuoso começou a escrever no final da sua vida e que, apesar de o ter deixado incompleto, constitui o remate da reflexão iniciada nas *Saudades da Terra*. Trata-se duma narrativa com uma configuração alegórica que visa revestir de autenticidade o acontecer histórico, ou seja, conduzir a vida por desígnios de Verdade. Aliás, o capítulo segundo procura apresentar, de forma circunstanciada, a natureza da Verdade, em que autor, dentro da conceptualidade mais tradicional da filosofia escolástica, apresenta a Verdade como expressão do Ser absoluto, Deus, simultaneamente, uno, verdadeiro e bom. Com propriedade, somente Deus é a Verdade, que é assim denominada de Verdade incriada. Diferente é a verdade criada, a qual se compreende como

adequação entre o que as coisas são em si mesmas e o que o entendimento ou o coração delas dizem. Estas são as verdades dos filhos dos homens que apesar de serem poucas neste mundo, Frutuoso diz que “ainda essas poucas não têm de todo cheia sua valia” (Frutuoso, 2011, p. 34).

A realização do homem e o fim da história não se circunscrevem “a uma dimensão meramente temporal nem se compreendem segundo um determinismo de sequências temporais, mas fazem apelo a um eixo de coordenada orientado na direção do Bem, que o homem não tem poder para alterar” (Luz, 1996, p. 485). Este constitui o caminho da reconquista do paraíso perdido, que o capítulo quarto das *Saudades do Céu* começa a apresentar, deixando, no entanto, por concluir, mas onde poderemos encontrar o sentido último do sentimento saudosos que as *Saudades da Terra* insistentemente referem.

Referências

- Boécio (2011). *Consolação da Filosofia*, trad. de Luís M. G. Cerqueira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Botelho, Afonso & Teixeira, Abtónio Braz (Orgs.) (1986). *Filosofia da Saudade*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Botelho, Afonso (1950). D. Duarte e a fenomenologia da saudade. *Atas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa.
- Duhot, Jean-Joël (1989). *La conception stoïcienne de la causalité*. Paris : Vrin.
- Frutuoso, Gaspar (1984a). *Livro Primeiro das Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Frutuoso, Gaspar (1984b). *Livro Quinto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Frutuoso, Gaspar (2011). *Saudades do Céu*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Gama, José (2010). A especificidade temática da 1.ª e da 2.ª série de *A Águia*. In: Celeste Natário e Renato Epifânio (Coords.), “*A Águia e a República: 100 Anos Depois*”. Sintra: Zéfiro Edições, pp. 80-86.
- Luz, José Luís Brandão da (1996). O homem e a história em Gaspar Frutuoso. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Homenagem ao Prof. Doutor Lúcio Craveiro da Silva, 52 (1-4): 475-486.
- Natário, Maria Celeste (2010). No centenário da República, o centenário d’*A Águia*. In: Celeste Natário e Renato Epifânio (Coords.), “*A Águia e a República: 100 Anos Depois*”. Sintra: Zéfiro Edições, pp. 128-136.
- Pascoaes, Teixeira de (1937). *O Homem Universal*. Lisboa: Edições Europa.
- Pascoaes, Teixeira de (1993 [1915]). *Arte de Ser Português*, 2.ª ed. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Pavão, José de Almeida (1984). A poesia e a novela de Frutuoso. In: Gaspar Frutuoso, *Livro Quinto das Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.
- Ribeiro, Álvaro (1975). *Uma Coisa que Pensa*. Braga: Editora Pax.
- Rodrigues, Rodrigo (1991 [1922]). *Notícia Bibliográfica do Dr. Gaspar Frutuoso*. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

- Rodrigues, José Damião (2008). Gaspar Frutuoso e as dinâmicas sociais e políticas no século XVI. In: Mário Viana (Coord.), *História da Ilha do Faial. Das Origens à Época de Elevação da Horta a Cidade*, vol. I. Horta: da Câmara Municipal da Horta, pp. 296-303.
- Rodrigues, José Damião (2012a). Elites locais e redes de poder em São Miguel no século XVI: O testemunho de Gaspar Frutuoso. *Histórias Atlânticas: Os Açores na Primeira Modernidade*. Lisboa e Ponta Delgada: Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 99-110.
- Rodrigues, José Damião (2012b). Nobrezas locais e apropriação do espaço: A vinculação em São Miguel no reinado de D. Manuel. *Histórias Atlânticas: Os Açores na Primeira Modernidade*. Lisboa e Ponta Delgada: Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores, pp. 81-97.
- Sérgio, António (Org.) (s.d.). *Prosa Doutrinal de Autores Portugueses*. Lisboa: Portugália Editora.
- Teixeira, António Braz (1991). Metafísica da Saudade de António Dias de Magalhães. *Revista Portuguesa de Filosofia* 47 (4): 589-598.
- Vasconcelos, Carolina Michaëlis de (1966 [1914]). *A Saudade Portuguesa*. Lisboa: Guimarães Editores.

